

COLUNA

NOSSOS PASSOS VÊM DE LONGE

Tayronne de Almeida Rodrigues
João Leandro Neto

História e memória da Comunidade Quilombola do Sítio Arruda em Araripe - CE



Figura 1- Imagem representativa do Território Quilombola do Sitio Arruda em Araripe-CE.

Foto: Tayronne de Almeida, 2019.

A Comunidade Quilombola do Sitio Arruda, é uma comunidade tradicional, rural, formada pelos descendentes de três famílias negras, cujos ancestrais viveram durante o regime escravocrata. Conforme Bispo (2016), as famílias primárias são: Nascimento, Caetano de Souza e Pereira da Silva. Essas três famílias, ao longo do tempo, uniram-se e seus descendentes contraíram matrimônio uns com os outros perpetuando sua ancestralidade. A origem dessas famílias remonta a partir de escravos provindos da região dos Inhamuns - CE (Caetanos de Souza),

e da Chapada do Araripe (Pereira da Silva). Os descendentes dos Nascimentos e dos Caetanos de Souza após a abolição migraram para o Sitio Coqueiro no município de Araripe-CE, onde trabalharam sob condições sub-humanas por bastante tempo. Há cerca de três décadas grande parte das famílias quilombolas tradicionais fizeram seu êxodo para o Sitio Arruda, no município de Araripe onde vivem atualmente.

A prova cabal que evidenciou o regime de trabalho escravo presente no Sitio Coqueiro, foi uma escritura de troca de escravos, registrada no Cartório de 1º Ofício de Araripe-CE, de 09 de dezembro de 1880, em nome de Raimundo Barreto da Silva (tronco da família Barreto da Silva), troca da escrava Sebastiana, de sua propriedade pelo escravo Joaquim de propriedade de sua sogra, Clementina Rodrigues Nogueira.

Os Quilombolas quando ainda viviam no Sitio Coqueiro, mesmo no período pós-escravocrata, eram tratados com similaridade escravista, o labor era realizado de forma exacerbada, em troca de mantimentos.

Como exemplo podemos citar a história de Antônio Caetano de Souza, pai do atual presidente da Associação Quilombola do Sitio Arruda, que cresceu no Sitio Coqueiro e trabalhava como se “fosse escravo”, sob pena de ser açoitado, quando não obedecia ao dono das terras onde vivia.

Hoje os remanescentes quilombolas do Sitio Arruda, são formados por 65 famílias, além de várias outras que estão em diáspora. Na Comunidade, não há uma linha de genealógica predominante, portanto, são considerados herdeiros legítimos das terras pertencentes. Vale salientar a comunidade considera morador legítimo do quilombo todo aquele que é parente, consanguíneo, de grau mais afastado ou parente afim ancestral.

Segundo Alves (2018), A Comunidade Quilombola, vive basicamente da agricultura, de milho, feijão e mandioca. Utilizando a técnica de consórcio de plantio entre o milho e o feijão favorecendo assim muitas vantagens a esta cultura de plantio.

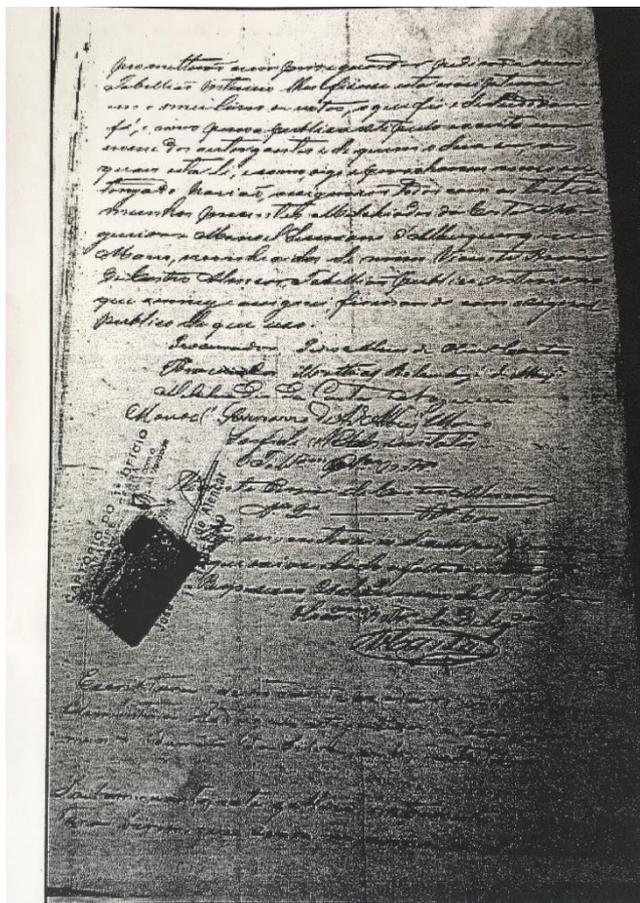


Figura 2- Foto da Escritura de troca de escravos no Cartório de 1º Ofício de Araripe-CE. Foto: Tayronne de Almeida, 2019

O Quilombo também é constituído de aspectos culturais e religiosos, nos quais se destaca a cultura das “terreiradas” onde nos terreiros das casas se reúnem para dançar e festejar a colheita.

Aspecto muito importante para eles é a festa da padroeira Nossa Senhora Aparecida, a Santa Negra, visto que a comunidade é de predominância católica apostólica romana. Conforme Severino Caetano, líder da Comunidade Quilombola, são nove noites de novena realizadas à padroeira. Todos os dias a imagem da santa visita uma casa da comunidade e todas as noites nos reunimos no terreiro da Capela, para festejar e celebrar. Após as novenas e rezas, são realizadas as quermesses culturais, com as comidas típicas e músicas para alegrar as noites.



Figura 3 - Imagem representativa da religiosidade praticada pela Comunidade Quilombola do Sítio Arruda. Foto: Tayronne de Almeida, 2019.

É necessário um resgate mais a fundo da identidade dessas pessoas. Eles vivem o presente, mas ainda existem grilhões no subconsciente deles que os limita a progredirem socialmente. Há uma negritude que precisa ser realçada por meio de trabalhos sociais e olhares voltados a eles que tenham poder transformador.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. W. F. **A emergência das comunidades quilombolas como fenômeno político no Ceará: Sítio Arruda, no município de Araripe**. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2018.
- BISPO, G. L. **Plantas medicinais na comunidade quilombola Sítio Arruda, Araripe-CE: conhecimento e sustentabilidade**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável) – Universidade Federal do Cariri (UFCA, PRODER), Juazeiro do Norte, 2016.

MARQUES, J. G. Relatório Antropológico de conhecimento e delimitação do Território da comunidade dos remanescentes de quilombolas do Sítio Arruda.
Fortaleza: INCRA/SR-02/F/FA CE, 2010.

João Leandro Neto



Filósofo. Pedagogo. Especialista em Docência do Ensino Superior e Gestão Escolar. Professor da Escola Municipal Santa Verônica, no Território Quilombola do Sítio Arruda em Araripe-CE. Estudou arte italiana com ligação na Scuola di Lingua e Cultura – Itália. Publicou trabalhos em eventos científicos, com temas relacionados a pesquisa-ação na construção de uma educação valorizada e coletiva. Convidado a ser debatedor em mesas redondas, com temas como: filosofia no ensino médio, diálogos em torno do pensamento de Santo Agostinho de Hipona, filosofia e educação em Platão, ética e contemporaneidade. Atualmente se dedica a pesquisar sobre métodos e comodidades de relação investigativa entre a educação no ensino médio e o processo do aluno investigador na Filosofia, trazendo discussões como: o negro e seu empoderamento educacional, a educação acessível, os processos educacionais, e as relações educação-docente na construção de um futuro capaz de perceber a importância do compartilhamento de função. Amante da poesia nordestina com direcionamento as condições históricas do resgate e do fortalecimento da cultura do Cariri, se dedica a pesquisar processos históricos regionais.

Tayronne de Almeida Rodrigues



Filósofo e Pedagogo, Especialista em Docência do Ensino Superior, e Biodiversidade pela Faculdade Entre Rios do Piauí. Atualmente desenvolve pesquisas em torno do ser responsável com referência no princípio responsabilidade de Hans Jonas. Estuda as análises atuais, que se concentram na educação ambiental como saber filosófico para a construção de uma sociedade pautada no desenvolvimento sustentável. Nas ciências do meio ambiente investiga impactos ambientais recorrentes em áreas do semiárido e o estudo do saber tradicional através do uso fitoterápico das plantas medicinais por comunidades locais. Atuou em eventos no Cariri Cearense como debatedor, organizador e palestrante. Publica ativamente os resultados de suas pesquisas em revistas e jornais regionais e nacionais, utilizando-se destes meios para o compartilhamento e difusão das descobertas científicas.